

O CORREIO

DIRECTOR

Jorge Santos

SEMENARIO MONARCHICO

EDITOR

Alberto Ferreira d'Agular

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Passos Manoel, 177-1.º-Porto

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor—Officinas movidas a electricidade—Rua da Cancellia Velha, 70-1.º—PORTO.

Agente em Paris: Alvaro Pinheiro Chagas—6, Rua Duban
Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo, 12

Proprietario—MARIO ANTUNES LEITÃO

1.º ANNO, = N.º 22 = AVULSO 20 REIS

Sabbado, 3 de Maio de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 253 n.ºs, 1,5000 reis — Serie de 26 n.ºs, 500 reis. Estrangeiro: (Paizes da União postal)—serie de 52 n.ºs, 15 francos (ou 3,5000 reis). Serie de 26 n.ºs, 8 francos (ou 1,5000 reis). Brazil: serie de 52 n.ºs, 6,5000 reis (moeda brasileira). Sendo a cobrança feita pelo correio, accresco 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.

ANNUNCIOS—Na secção de annuncios 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

A Familia Hohenzollern

Quando nos fins do seculo XII ficou definitivamente esmagada a grande revolta de Henrique o Leão, os seus immensos estados, dividindo-se na Saxonia e na Baviera, trouxeram á luz uma nova classe de nobreza dependendo do Imperador pelo laço feudal.

Assim entram na historia, quasi ao mesmo tempo, por uma singular coincidência, o Senhor de um pequeno condado no norte da Suissa que se chamava Rodolpho de Hapsburgo, e um burgrave de Nuremberg, Frederico de Hohenzollern, cujo tronco parece ter sido um dos Condes de Carlos Magno, e seu cunhado, Tassilo de Zollern, na Baviera.

Tal é a remota origem da illustre familia cuja existencia se confunde na historia com a da Germania, sobretudo desde que no primeiro quartel do seculo XV, o Markgraviado do Brandeburgo lhe ia dar, com o seu territorio, o ponto d'apoio necessario á sua prodigiosa carreira. O Grande Eleitor, Frederico o Grande, Guilherme I, marcam as tres grandes etapas: a fundação do Reino da Prussia, a sua entrada no numero das Grandes Monarchias da Europa, a restauração, sob o seu sceptro, do Imperio Allemão, arrancado á casa de Hapsburgo pela espada potente de Napoleão I.

Singular é a differença, radical até na sua essencia, entre o Imperio actual e o seu antecessor. Os Hapsburgos foram sempre uma familia reinante, mantendo o seu imperio por uma politica artificial, subordinada ao seu interesse proprio: os Hohenzollern foram de principio uma Casa territorial, aspera, rude, vigorosa, indo buscar, como dizia Talleyrand, ao seu territorio inhospito sem defeza natural, a necessidade da ambição. Onde ella os levou, desde o Grande Eleitor para cá, dil-o bem alto a historia; porque maneira elle se afirma e domina hoje a politica de todo o mundo, Guilherme II nol-o está diariamente demonstrando. Porque é outro dos caracteres dominantes d'estes Hohenzollern, o considerarem-se os primeiros Servidores do Estado á cuja frente Deus os collocou, pondo portanto toda a sua ambição em levantar ao mais alto o povo que governam, em desenvolver ao maximo a herança recebida.

Ninguem mais que o Kaiser actual encarnou este ideal historico dos Hohenzollern, nenhum entre os chefes d'estado contemporaneos se lhe avanta na larga e elevada comprehensão do seu dever. Tão moderno, tão actual, tão realista na sua politica, um dos mais capazes, o mais energico, com certeza o mais curioso e interessante entre os Soberanos, o Kaiser na sua complexa individualidade concilia

ainda o que ha de mais tradicional, de mais respeitador do passado no seu grande officio de reinar. D'ahi a consideração especial, a estima constante-

dente, buscar o seu primeiro rei: é o actual Rei Carlos: a essa familia duas vezes se ligou a Casa Real Portuguesa.

Com o Principe Leopoldo de Hohenzollern casou a Senhora Infanta D. Antonia, unica hoje viva d'entre os filhos da Grande Rainha Dona Maria II: a essa casa foi o sempre chorado Rei D. Pedro V buscar a inolvidavel Rainha D. Estephania. É uma neta da Senhora In-

gmaringen fluctua sobre elle a Sempre Gloriosa Bandeira Nacional. Tremula hoje livre, activa e galhar da na Allemanha a bandeira azul e branca!

Ayres d'Ornellas.

A Futura Rainha

A noticia do ajuste de casamento de Sua Magestade interessou vivamente a opinião. A imprensa europeia ainda não cessou de se referir ao faustoso acontecimento, fornecendo diariamente notas sympathicas sobre a Princeza da casa de Hohenzollern, as illustrações publicam-lhe retratos, os reporters photographicos seguem os fiancés reaes.

Logo que o casamento foi oficialmente communicado, todas as casas reinantes da Europa dirigiram para *Richmond-Surrey*, telegrammas de felicitações a SS. MM. El-Rei D. Manuel e a Rainha Senhora D. Amelia.

O primeiro soberano a telegraphar foi o Imperador da Allemanha, que na sua qualidade de representante politico da familia, se serviu dos termos mais calorosos para cumprimentar a augusta mãe do Senhor D. Manuel.

Immediatamente chegaram telegrammas do Imperador da Austria, Francisco José, do Rei e da Rainha de Hespanha, da Rainha Christina, de Hespanha, dos Reis de Italia, da bondosa Rainha Margarida, viuva do Rei Humberto, do Rei Jorge V e da Rainha de Inglaterra, da Rainha Alexandra, que occupou o throno ao lado de Eduardo VII, o *Principe da Paz*, e que concentrou na sua alma de eleita toda a excepcional amizade que Ella e o Rei Eduardo sempre votaram a El-Rei D. Manuel.

Do norte ao sul do continente, não houve throno que não mandasse palavras perfumadas de carinho e de consideração a El-Rei D. Manuel e á Senhora D. Amelia: todos os membros da Familia Real Inglesa telegrapharam para *Abercorn*, como telegraphou o Czar e Czarina da Russia, a Imperatriz Maria Feodorowna da Russia, os nobres parentes das casas de Bragança, de Orleans e Bourbon, os duques de Aosta, a duquesa Leticia de Aosta, e embaixadores em diversas côrtes.

E não faltou, n'esta hora de festa, o nome glorioso do Rei Fernando da Bulgaria, a associar-se, n'um captivante telegramma, á felicidade dos Reis de Portugal.

Aos despachos reaes seguiram-se os cumprimentos de muitos amigos pessoais da Familia Real, membros da aristocracia de França, de Inglaterra, de Hespanha, etc.

A calcular pelos innumerados telegrammas que, aos dos emigrados monarchi-



Sua Alteza Serenissima a Princeza Augusta Victoria d'Hohenzollern-Sigmaringen

mente affirmada e conhecida por todos, que elle manifesta pelo ramo mais velho da sua casa, por aquelle, que nas grandes luctas religiosas que dividiram a Allemanha da Reforma, soube sempre guardar a fé catholica dos seus maiores.

Ao ramo catholico da familia Hohenzollern foi a Romania, tornada indepen-

fanta D. Antonia, é uma sobrinha da Rainha D. Estephania que El-Rei D. Manuel foi felizmente escolher para futura Rainha de Portugal.

E a significação que na Allemanha tem esse enlace, verdadeiramente auspicioso para a Patria Portuguesa, está toda n'um facto: desde que El-Rei D. Manuel entrou no Velho Castello de Si-

cos de Inglaterra, de França, de Hespanha, da Belgica e Brazil, de Portugal e de Portuguezes, se juntaram na sala dos registos de Richmond, por Portugal vae o mesmo festejamento intimo.

De toda a parte nos chegam cartas pressurosas pedindo notas biographicas da Futura Rainha, uma anciedade feita de sympathia e de elevado interesse.

Quando o nosso dever de jornalista nos não impuzesse o satisfazer expontaneamente essa palpitante curiosidade publica, teriamos o dever de attender essa anciosa correspondencia, como portuguezes.

A Futura Rainha de Portugal não tem uma biographia que se resume ás abreviaturas nobliarchicas a que lhe dá direito nas paginas do *Gotha* a sua alta e antiga linhagem.

A Rainha Victoria de Portugal, a Serenissima Alteza Augusta Victoria Guilhermina Antonieta Mathilde Ludovina Josephina Maria Izabel, é uma senhora excepcional.

E' filha de Sua Alteza Serenissima — titulo que pertence ao primogenito, principe ou princeza, do ramo catholico da Casa Hohenzollern —, Guilherme Augusto Carlos José Pedro Fernando Benoit, principe de Hohenzollern, burgrave de Nuremberg, conde de Sigmaringen e Veringen, conde de Berg, Senhor de Haigerloch e Wehrstein, directo descendente do principe Leopoldo e de Sua Alteza Real a Princeza Maria Thereza de Bourbon-Sicilia.

A sua alta estirpe, os seus titulos de membro da Camara dos Senhores da Prussia, cavalleiro da Agua Negra, do Tosão d'ouro e de Malta, dispensou o throno da Rotmania, a que abdicou na nobilissima pessoa de seu angusto irmão o actual Rei Carlos da Roumania.

A Futura Rainha nasceu a 19 d'agosto de 1890, no soberbo castello de Potsdam, perfumado pelas sombras preciosas da Orangerie, a dois passos do palacio *Sans-Souci*, onde o grande Frederico costumava receber os philosophos e os artistas.

Tem, pois, 23 annos incompletos, a graciosa Rainha Victoria de Portugal, irmã dos principes Frederico Victor e Francisco José, dois irmãos gêmeos, nascidos a 30 d'agosto de 1891, em Heiligendamn.

Elegante, com a educação esmerada da familia Hohenzollern, tanto monta a cavallo, pelas manhãs, como joga o *tennis* ou faz musica. Muito amavel, muito dada, como se diz em linguagem familiar, a Futura Rainha, além das suas qualidades de raça, da distincção do seu porte tão galante, tem uma *finesse*, uma distincção que só uma intelligencia superior, tocada pelo dom divino da arte pôde dar a uma figura.

Alta, uns lindos olhos, onde se espelha toda a poesia do Rheno, umas mãos gothicas, a Futura Rainha de Portugal recorda do berço as qualidades portuguezas de sentimento e de *charme*.

O Principe Guilherme lembra de um modo extraordinario El-Rei D. Carlos; o Primogenito é o retrato do nosso chorado Principe Real D. Luiz Filipe.

E, com essas qualidades de raça, sublimadas se é possível na sua formosissima Pessoa, a Futura Rainha Victoria de Portugal é conhecida como uma intelligencia superior, rara mesmo, entre o corpo diplomatico.

Uma senhora, que pertence ao corpo diplomatico acreditado em Berlim, escrevia um dia d'estes: a Princeza Victoria tem fama de ser uma intelligencia excepcional, d'onde vem a grande e especial estima que lhe dedica o Imperador. Quem a conhece diz que Ella seria incapaz de fazer um casamento sem ouvir o coração. Ora, o Senhor D. Manuel é tão distincto, tão *charmeur*, que não é arriscado afirmar que impressionasse o coração da Princeza. Mas a Princeza Augusta Victoria é bastante intelligente e bastante senhora de si para não fazer calar o coração, se entendesse que as justas aspirações da sua estirpe não encontravam uma reflectida esperança no futuro.

Notas d'um Lisboaeta

Polvora sem fumo

O sr. Rapôso Botelho abriu a porta e foi sentar-se á mesa de jantar, onde a sopa de feijão encarnado arrefecia.

Sua Senhoria, de sobr'olho franzido, dava claras provas de profunda preocupação, e, em volta, as pessoas de familia respeitavam aquelle silencio profundo, em que o bravo militar ia passando do prato para a bocca, em colheradas successivas e rapidas, a sopa, que fôra sempre a sua predilecta.

Comtudo, aquelle silencio obstinado começava preocupando a familia, habituada ás expansões do chefe, que, todas as tardes, costumava acompanhar a refeição com entusiasticas narrações de todos aquelles feitos guerreiros, gloriosos e tremendos, que Sua Senhoria teria sido muito capaz de ter praticado na sua já longa carreira militar, se a Natureza não tivesse desastradamente, para o lançar ao mundo, amassado o barro de que se fazem os papa-feijões, em vez de ter cuidadosamente manipulado o barro de que se fazem os heroes.

A culpa não era, pois, de Sua Senhoria, mas da Natureza, que déra aquella tremura de pernas, que o atacava sempre que ouvia um tiro e que, caprichosamente, fizera com que os resultados da presença do inimigo ou da abundancia de feijão, fossem precisamente os mesmos para aquelle seu pobre ventre de major reformado, que sempre tivera, mesmo quando era sargento aspirante.

N'essa tarde, porém, alguma cousa de grave, de excepcionalmente grave succedera, pois não parecia á familia que o feijão encarnado da sopa, nem o feijão carrapato guisado, que se lhe seguira, nem a salada de feijão frade, que a creada puzera já na meza, estivessem tão mal feitos, que fossem a causa d'aquelle silencio grave, em que Sua Senhoria teimava, apesar da expressão afflictiva e anciosa que começava apparecendo nos rostos familiares, que o rodeavam.

Proseguiu, pois, em meio de profundo silencio o jantar, e em silencio teria terminado, se ali pelas alturas em que a creada estava servindo o doce de feijão manteiga, uma das senhoras da familia não tivesse tomado a resolução energica de interpellar o bravo general sobre as causas da sua estranha attitude:

— O que tens tu hoje? perguntou essa senhora, atirando uma cotovelada ao heroe *manqué* por culpa da Natureza.

Sua Senhoria teve um sobresalto, olhou em volta, espavorido, como se lhe acabassem de dizer que talvez tivesse que ir para a Africa combater os pretos, e, com voz tremula, perguntou:

— Hein!... O quê?...

A senhora repetiu, em voz mais meiga, para o não assustar:

— Que tens tu hoje, que não ha meio de se te ouvir uma palavra?

O ultimo ministro da guerra da Monarchia respondeu, sereno já:

— Ora!... Cuidados que me dá aquelle trabalho de avaliar da energia, da illustração, da tactica, do saber profissional, da aptidão para o commando, da... da... etc., etc... dos officiaes que, por distincção, ou escolha, hão-de ascender ao generalato...

— Mas, então, é muito difficil esse trabalho?

— Muito... muito difficil, não é... Em todo o caso, precisa de uma certa habilidade. Mas não é o trabalho em si que me preocupa, porque... emfim... com a pratica que tenho das cousas militares, o exame é rapido... Mando entrar para uma sala o official que deve ser promovido a general, mando-o sentar, depois vou por detraz d'elle, muito devagarinho, nos bicos dos pés, e, quando elle menos o espera, grito-lhe aos ouvidos — Pum! Pum!... a fingir que são

tiros de artilharia... Se elle desata a fugir...

— Não está bom para general...

— Ao contrario, menina, ao contrario... Se desata a fugir, é porque está bom das pernas, porque não é um invalido, e o exercito o que precisa é de generaes que se possam, que se saibam mexer, que é para evitar o maior desastre que pôde succeder, na guerra, a um exercito: o de ficar o general prisioneiro do inimigo... Não, menina... Se elle foge, é porque está bom para general. Se não foge... então não presta, porque um official que, ao ouvir tiros, não foge, ou é tolo, ou então já não tem pernas. E em qualquer dos casos não serve.

— Mas porque estás tão preocupado, se não é por causa do trabalho?

— E' que... é que... o Correia Barreto... sabes?... o que era da fabrica de polvora... aquelle que foi ministro da guerra do governo provisorio...

— Sim... bem sei... E depois?...

— Pois o Correia Barreto appareceu hoje lá no Conselho, porque vae tambem ser promovido a general... e vê lá tu como elle é um militar notavel!... vae ser promovido a general, não por distincção ou escolha, mas por distincção e escolha... Vê lá tu!... Pois eu tenho que dar o meu parecer, e isso aborrece-me, porque tem de ser desfavoravel.

— Então, elle, quando tu lhe fizeste o *pum!*... não fugiu?...

— Fugir, fugiu... que elle só quando foi da Revolução é que não fugiu...

— Ah! Deixou-se ficar na Rotunda?

— Não... Deixou-se ficar em Cintra.

— Mas se elle não fugiu quando lhe fizeste *pum!* porque estás tão preocupado?

— Porquê, perguntas tu?... Porquê?... Porque elle teve aquella maldita ideia de arranjar para o exercito uma polvora sem fumo.

— E então?...

— E então?... Essa não está má... exclamou Sua Senhoria tão irritado, que até deixou que a creada levasse o boião de doce, sem que elle o rapasse. E então?... perguntas tu?... Então achas que pôde ser general um homem que fez para o exercito uma polvora sem fumo... uma polvora, que não tem fumo!...

E, desalentado, deixando cair os braços, o sr. Rapôso Botelho murmurou, quasi com as lagrimas nos olhos:

— Uma polvora que não enche logo de fumo o campo da batalha... isto é... ai!... uma polvora que deixa que o inimigo veja para onde a gente foge!...

E, arrancando furiósamente o guardanapo, o ultimo ministro da guerra da Monarchia concluiu:

— Isso é lá polvora... é lá nada!

Anselmo.

ECHOS

Jasuitas

Diz a *Republica*, órgão do sr. conselheiro Antonio José d'Almeida, — em resposta á *Patria*, que a accusára de jornal clericaloide, — que *será talvez o ensejo de mostrar como é que o sr. Affonso Costa protege os jesuitas, o que de certo causará espanto a muita gente.*

A nós não causará espanto algum por todos os motivos e mais um, que é precisamente aquelle que a *Republica* ignora e que nós não dizemos por emquanto.

Mas como aquelle pobre João de Menezes y Valbuena está sempre a dizer que os jesuitas é que mandam nos conspiradores monarchicos, que estes recebem dinheiro dos jesuitas, que aos jesuitas se deve tudo o que se tem feito contra a Republica, etc., etc., e como todas estas baboseiras do sr. Valbuena são repetidas pelos outros jornaes republicanos, incluindo os do partido do sr. conselheiro Antonio José d'Almeida, seria excellente que a *Republica* deitasse cá para fóra o que sabe a esse respeito.

Não deixaria de ser pittoresco que fosse o órgão do evolucionismo, cuja propaganda no norte teve aspectos que é uma pena não se poderem desvendar, a gazeta que viesse mostrar a todos esses patuscos que para ahí accusam os monarchicos de estarem sendo

influenciados pelos jesuitas, — dos quaes allaz nunca receberam o menor auxilio, com os quaes não tiveram o menor entendimento, e que de fórma alguma tem influido nos movimentos monarchicos, — tudo o que ha de extranho nas relações do sr. Affonso Costa com os famosos *jasuitas*, por quem tanto parece interessar-se que até quiz que elles lhe mandassem dizer se tinham feito boa viagem, quando os expulsou, depois de ter tido com elles attenções, deferencias e cuidados, — como allaz era seu dever, — mas que nunca teve, não tem e provavelmente nunca terá com os outros padres, que, como se sabe, tem perseguido com tal violencia, tal crueldade e tal selvageria, que é muito possivel que afinal de contas as attenções que o sr. Affonso Costa muito justamente teve com os padres jesuitas e muito injustamente não teve com os padres que não pertencem á Companhia de Jesus, fossem ditas apenas pelo desejo de... fazer uma economia.

Provavelmente o sr. Affonso Costa receia que os jesuitas lhe reclamem, como herdeiros, os direitos de author... pelos supplicios a que tem sujeitado os presos monarchicos.

O Socialista

Completo um anno de publicação o nosso illustre collega *O Socialista*, dirigido pelo sr. Pedro Muralha.

Felicitemol-o.

Não temos comprehendido bem a sua orientação; não nos parece que elle tenha defendido sempre com inteira justiça e com absoluta razão os seus ideaes; ousaremos mesmo dizer que por vezes lhe tem faltado a coragem para dizer, a favor dos interesses das classes que representa, certas verdades que lhe poderiam talvez acarretar a accusação de *thalassismo*, mas que por isso não deixavam de ser verdadeiras; levaremos mesmo a nossa audacia a prophetisar ao nosso illustre collega graves difficuldades n'esta embrulhada politica, para a definição clara do seu partido, mas nada d'isso impede que reconheçamos no *Socialista* uma tal sinceridade quer quando erra, quer quando bate certo, que nos leva á convicção de que não erra de proposito, nem acerta por calculo.

Ora n'uma imprensa em que geralmente se erra porque a qualquer habilidoso convém o erro, e em que se bate certo, não por ser isso justo ou verdadeiro, mas porque é habil e proveitoso n'esse momento que assim seja, um jornal que, quer pratique erros, quer bata certo, o faz sempre com sinceridade e sem obedecer a propositos reservados, nem a intentos habilidosos, é um jornal que merece felicitações quando faz annos.

Por isso o felicitamos, pedindo-lhe o favor de não agradecer as nossas felicitações, não vão os republicanos consideral-o suspeito de *thalassismo* pela sua cortezia com um jornal que é tudo quanto ha de mais *thalassa*, e d'isso muito se honra e se orgulha.

Apoiado

Ora ainda bem!...

Ha dois annos e meio que lemos diariamente as gazetas republicanas anciosos por encontrarmos um pretexto, por muito vago que fosse, para darmos o nosso applauso a alguém que seja partidario do regimen.

Nunca o conseguiremos.

Agora, felizmente, encontramos no *Diario de Noticias*, no seu boletim parlamentar, a noticia de que o deputado sr. Balthazar Teixeira chamou a attenção do governo para o facto da Companhia dos Phosphoros ter feito distribuir *uma circular na qual fomenta a delação de quem usar accendedores automaticos, iscas, etc. Entende o orador que tal processo é mau sob o ponto de vista moral e que a referida companhia não tem auctoridade para assim proceder, por quanto não cumpre o contracto.*

Muito folgamos em poder applaudir um deputado republicano.

O sr. Balthazar Teixeira fez muito bem em verberar esse facto, que é deploravel e que o seria tambem mesmo que a Companhia cumprisse o contracto, que de resto não sabemos se cumpre ou não, como fez muito bem o snr. Severiano José da Silva, outro deputado que apoiou as palavras do snr. Teixeira.

Infelizmente o sr. Affonso Costa tambem se mettu na dança, declarando que ia occupar-se do assumpto.

Ora o sr. Affonso Costa, que é hoje chefe do governo, já no tempo da Monarchia era advogado da Companhia.

Vae elle occupar-se do assumpto? Como? Ora... comendo.

O Syndicalista

Afinal de contas o *Syndicalista* não foi supprimido, nem suspenso, nem apprehendido.

Retiramos portanto o protesto que fizemos no nosso ultimo numero contra a violencia que se dizia ter-lhe sido feita.

Retiramos o protesto, mas guardamol-o para o offerecermos ao *Syndicalista* quando fór supprimido algum jornal conservador.

No Brazil

O sr. Valbuena diz na *Lucta* que os jesuitas iniciaram uma campanha clerical-restauradora no Brazil.

Como simples curiosidade diremos que o principe D. Luiz de Bragança, filho do conde d'Eu, e que o sr. Valbuena diz estar á frente d'esse movimento iniciado pelos jesuitas, não occulta no seu interessantissimo livro *Sob o Cruzeiro do Sul* que a proclamação da Republica no Brazil foi de extremo agrado dos jesuitas, que a saudaram como a libertação do clero brasileiro da *opressão de Estado regalista, pombalino e josephista*, pois que o regimen de Separação decretado pelo governo republicano do Brazil *assegurava á Igreja uma liberdade que ella nunca conheceu em nenhuma epoca da monarchia*.

Agora apparece o sr. João de Menezes y Valbuena a dizer que o principe D. Luiz de Bragança está á frente de um movimento restaurador no Brazil, iniciado pelos jesuitas.

Este sr. Valbuena vê jesuitas em todos e em toda a parte.

Se elle não fosse uma pessima creatura, poderíamos dizer que é bom rapaz, mas é tolo.

Assim... o melhor é não dizer nada.

Presos

A *Nação* noticia terem dado entrada na Penitenciaria alguns presos politicos, apesar de haver mais de 70 presos communs, assassinos, ladrões e incendiarios, que tem de cumprir penas de prisão maior cellular e que ainda para a Penitenciaria não foram por não haver cellas vagas.

E com muita razão protesta contra o facto de se escolherem presos politicos para occuparem as cellas que vão vagando, em vez de se mandarem para lá os assassinos, ladrões e incendiarios já condemnados tambem.

A *Nação* tem razão no seu protesto, mas o governo tem uma certa desculpa para o seu procedimento.

Ha muito pouca, gente que vendo-se na contingencia de ter de aggravar a situação de um amigo ou de um adversario, prefira aggravar a situação do amigo.

E' portanto desculpavel que o governo tenha preferido aggravar a situação dos presos politicos, mandando-os a elles para a Penitenciaria, em vez de mandar os assassinos, os ladrões e os incendiarios.

Um financeiro famoso

Lê-se o seguinte no extracto de uma sessão da Camara dos deputados:

«Entra-se depois na ordem do dia, orçamento geral das receitas, falando em primeiro lugar o sr. Innocencio Camacho, que manda para a mesa a seguinte moção:

«A camara, fazendo votos para que as operações de thesouraria sejam as estritamente indispensaveis, continua na ordem do dia.»

«O orador justifica depois largamente as seguintes propostas:

«Proponho que no artigo 134.º do orçamento das receitas para 1913-1914 se inscreva a verba de 120:000 escudos sobre a rubrica — Fundo de amortisação creado pela carta de lei de 5 de julho de 1900.»

«Proponho no artigo 106.º do orçamento das receitas para 1913-1914 se inscreva a verba de 37.356:666 escudos para liquidos do imposto de rendimento do capital nominal de 1.778:888 escudos que em 31-12-1912 existia no fundo de amortisação creada pela carta de lei de 5 de julho de 1900.»

«Proponho que no artigo 106.º do orçamento das receitas para 1913-1914 se inscreva a verba de 29.544.30 escudos, juros do capital nominal de 862:050 escudos, que em 30 de setembro de 1912 existia no fundo de conventos de religiosos supprimidos nos termos do decreto de 24 de dezembro de 1904.»

«Ao terminar foi muito cumprimentado.»

Muitos dos deputados que foram cumprimentar aquelle illustre financeiro ignoravam por certo de que se tratava, e julgavam que a republica augmentava por esse modo as receitas com extrema habilidade. A verdade é bom que se saiba. Os fundos de reserva creados pela monarchia para amortisação da divida, vão assim desaparecer na voragem das despesas.

Eleva-se a mais de 175 contos a somma das verbas acima citadas, descontando já o imposto de rendimento. Além das amortisações obrigatorias nas condições de diferentes emprestimos realisados com essa expressa clausula, crearam-se fundos especiaes para mais facilmente se ir effectuando a extincção progressiva da divida publica, como se pratica em todos os paizes bem administrados. Os financeiros da republica aproveitam-se do que a monarchia deixára para augmentarem por essa fórma as receitas, inutilizando os beneficios que resultariam para o credito publico do bom funcionamento d'aquelles fundos de amortisação.

E a proposito: Quando se publica a nota das inscrições vendidas pelo ministerio das Finanças para saldar os *deficits* orçamentaes, como por lei foi auctorizado a fazer?

O Realista

Temos recebido com toda a regularidade os numeros do *Realista*, o brilhantissimo semanario monarchico portuguez, que se está publicando no Rio de Janeiro, sob a direcção de Fernando Martins de Carvalho, e tendo como redactores effectivos os srs. Alvaro Pimheiro Chagas, actualmente em Paris, e D. José Paulo da Camara, que está vivendo no Rio.

O *Realista* publica tambem frequentemente artigos de Paiva Couceiro, Ayres de Ornelas, Luiz de Magalhães, Saurio Pires, Eduardo Lupi, etc., etc.

Com este brilhante grupo de colaboradores e com a direcção competantissima de Martins de Carvalho, que tem publicado notabilissimos artigos, alguns dos quaes tomam a liberdade de ir transcrevendo, o *Realista* não só tem prestado altissimos serviços á causa monarchica, como tem obtido, sob o ponto de vista jornalístico, um successo notabilissimo.

Folgamos com isso e muito affectuosamente saudamos o nosso querido collega.

Desmentido

Escreve-nos um monarchico a dizer-nos com toda a franqueza que não gostou nem julgou opportuno o echo que, sob o titulo *Um desmentido*, publicámos no nosso ultimo numero.

Pois temos a dizer a um monarchico, tambem com toda a franqueza, que nós, pelo contrario, não só considerámos opportunissima essa local, como gostámos immenso d'ella.

E novamente temos dito... até que nova garotice appareça, porque n'esse caso vai nova local no mesmo genero, quer um monarchico, que deve ser dos *taes*, goste, quer não goste.

O Retrato da Princeza Dona Augusta Victoria

que hoje publicamos na nossa primeira pagina, esplendidamente reproduzido em bilhetes postaes, é posto á venda no dia 5 do corrente.

Cada postal 50 reis
Descontos aos revendedores

Os nossos assignantes teem o desconto de 20% — franco de porte.

PEDIDOS

No Porto — Administração de «O Correio»
Rua Passos Manoel, 177-1.º

Em Lisboa — Agencia de «O Correio»
Largo de S. Paulo, 12-1.º

Tambem se encontrarão á venda em algumas tabacarias do Porto — Lisboa e Coimbra.

FLORES

Para modas, de jaranjeira, ramos, corôas, preparos para flores, artigos religiosos.

MAISON S. JOSEPHÉ

Rua Augusta, 233

Joaquim Leitão

OS CEM DIAS FUNESTOS

(Processo e condemnação do ultimo presidente do conselho de 1910, Antonio Teixeira de Souza e do seu livro «Para a Historia da Revolução»)

Um volume de 550 paginas illustrado

PREÇO 15000 REIS

A' venda nas principaes livrarias

A SITUAÇÃO DA BELGICA

A greve geral preparada pelo partido socialista desde junho do anno passado logo depois das eleições legislativas, foi proclamada no congresso socialista, que se realisou na Paschoa d'este anno, fixando-se a data para o seu começo no dia 14 d'este mez. Effectivamente, no dia marcado muitos milhares de operarios das diferentes regiões industriaes da Belgica, deram inicio á greve, não comparecendo nas fabricas e minas em que trabalhavam. O numero dos grevistas póde calcular-se, desde o primeiro dia, em mais de 200 mil, se tomarmos a média das cifras que se encontram em diferentes jornaes, e que variam segundo o partido a que pertencem. A greve está, portanto, muito longe de se dever considerar geral, mas ainda assim teve grande extensão em alguns districtos, e especialmente na exploração das minas de carvão de pedra, cessando alli quasi por completo o trabalho em muitas d'essas minas.

Segundo a declaração feita na camara dos representantes, na sessão de 18 d'este mez, ha empregados nas diferentes industriaes e minas 1:133.589 operarios, sem contar os trabalhadores agricolas. Portanto, só uma pequena parte dos operarios empregados nas fabricas e minas, se declarou em greve desde o primeiro dia.

Esta greve politica, pois não teve outra feição, foi muito discutida na imprensa do paiz, e da França, Alemanha e Inglaterra, e por isso chamou naturalmente a attenção dos politicos e homens de negocios das principaes nações da Europa e America, sobre a situação economica, politica e financeira d'este paiz. Parece-me, pois, conveniente, antes de entrar na apreciação da greve propriamente dita, e dos factos que se lhe relacionam, dar algumas explicações áquelle respeito.

Desde a independencia da Belgica em 1831 até 1847, o governo foi exercido por accordo entre os liberaes e catholicos, unicos partidos politicos que existiam n'este paiz, porque o partido socialista só depois de 1894 é que se póde considerar formando uma agremiação importante com vida propria. Em 1847 constituiu-se um governo composto unicamente por individuos pertencentes ao partido liberal, que durou até 1855. N'esse anno passou o poder para os catholicos, que o conservaram durante dois apenas, voltando novamente o partido liberal a formar ministerio, e n'elle se manteve até 1870. Decorrido esse largo periodo de 13 annos foi confiado o governo aos catholicos, que n'elle se mantiveram até 1878, anno em que os liberaes tendo conseguido maioria nas camaras formaram pela ultima vez governo que durou até 1884. Desde esse anno tem-se conservado sempre no poder o partido catholico.

Não ha exemplo na historia dos paizes constitucionaes de tão longa permanencia de um mesmo partido no poder, porque o que se deu em tempos remotos na Inglaterra foi o resultado de circunstancias extraordinarias, e não proveio do livre jogo das instituições parlamentares. E o que se torna mais notavel é que tendo sómente 6 votos de maioria na camara dos representantes antes das eleições geraes de junho de 1912, a maioria do partido catholico é hoje de 16 votos. Isto depois de 28 annos de governo.

Foi o resultado inesperado das ultimas eleições em que os socialistas e liberaes se colligaram contra os catholicos, que deu origem á ideia da greve geral, como protesto contra a victoria eleitoral obtida pelos catholicos. Esse resultado proveio de que muitos liberaes moderados, e negociantes e industriaes não filiados em partidos politicos preferiram votar nos candidatos catho-

licos com o receio de que um governo composto de liberaes e socialistas, como se projectava, se vencessem as opposições, fizesse entrar o paiz n'uma serie de conflictos politicos que prejudicariam a marcha e desenvolvimento do seu progresso industrial e commercial. Entenderam ser preferivel manter o governo que estava, cujos actos eram patentes, em vez de se tomarem veredas e caminhos desconhecidos, que podiam conduzir a aventuras perigosas. O chefe do partido liberal reconheceu, n'um longo discurso pronunciado na camara dos representantes, que a esse facto e não a outra causa se devia attribuir o resultado da eleição. A classe média veio dar força ao governo com o receio de que se imitasse na Belgica a politica do chamado *bloco* francez, como succederia, inevitavelmente, se a colligação tivesse triumphado nas urnas.

Foi grande a irritação dos adversarios do partido catholico, quando se soube o resultado das eleições, e desde logo resolveram responder por uma greve geral da classe operaria, em que bem se manifestasse a opinião do paiz, ao mallogro da campanha violenta que fôra intentada no parlamento, na imprensa e nos comícios, no intuito de derrubar o governo. Attribuiam o infeliz resultado das eleições, á constituição do eleitorado em que, como se sabe, existe o voto plural, e por isso os esforços das opposições tenderam desde logo a levantar novamente a questão da reforma eleitoral, supprimindo-se os votos supplementares, e estabelecendo-se o suffragio universal, puro e simples, á semelhança do que existe em França e n'outros paizes.

Na Belgica, aos 25 annos teem todos os que residem n'uma communa, pelo menos 1 anno, direito a 1 voto, para a eleição dos deputados. Para o senado, o limite de idade é de 30 annos.

Todo o eleitor com mais de 35 annos de idade gosa de um voto supplementar se fôr casado ou viuvo, com filhos legitimos, ou se pagar ao Estado cinco francos, pelo menos, de contribuição pessoal. Tem tambem direito a 1 voto supplementar o eleitor que fôr proprietario de immoveis com rendimento cadastral superior a 48 francos, ou possuir fundos nominativos do Estado ou uma caderneta da caixa economica e de pensões de 100 francos, pelo menos, de renda. Os que se acharem em mais de uma das condições acima enumeradas só teem direito a 1 voto supplementar. São dados 2 votos supplementares aos eleitores que tiverem um curso superior em qualquer escola publica ou particular; exercerem uma função publica, ou occuparem uma posição social para a qual se reconheça a necessidade de conhecimentos correspondentes ao ensino medio ou superior. N'esta ultima categoria estão os professores de instrucção primaria que gosarão de 3 votos se exercerem essas funções durante mais de 5 annos em escola publica ou particular, e tiverem diploma legal.

Antes da reforma eleitoral de 1894 havia 135.000 eleitores recenseados. O ultimo recenseamento mostrou que tinham voto supplementar:

14.812 eleitores com diploma de ensino medio;
35.915 por exercerem posições importantes;
373.226 por serem proprietarios;
434.045 por serem chefes de familia.

A eleição é por escrutinio de listas, attribuindo-se ás candidaturas apresentadas um numero de representantes proporcional á força dos partidos que concorreram ás urnas. O processo seguido foi inventado por M. d'Uondt, professor da Universidade de Gand.

A constituição belga determina o

modo de proceder ás eleições legislativas, e as condições em que deve realisar-se o recenseamento dos eleitores e elegíveis. Para qualquer alteração no que subsiste a este respeito, é indispensável, pois, que dois terços dos deputados e dos senadores, funcionando separadamente, concordem no principio da reforma, e que immediatamente sejam convocadas câortes constituintes, exigindo-se igualmente n'estas, que a proposta definitiva de revisão reuna dois terços dos votos dos deputados e dos senadores.

Na situação actual dos partidos políticos nas camaras, esse accordo depende essencialmente de combinação entre dois dos tres grupos que alli existem, porque nenhum d'elles isoladamente pôde reunir o numero de votos indispensáveis. E' d'esse facto que provém a agitação que se pretende formar no paiz, a favor do suffragio universal, puro e simples, julgando-se que por este meio o partido catholico será forçado, mais cedo ou mais tarde, a acceitar a reforma eleitoral.

No congresso socialista da Paschoa, os chefes principaes do partido procuraram evitar a greve declarando-se abertamente oppostos a esse movimento operario, com caracter politico. Não fôram attendidos, e prevaleceu a opinião dos exaltados da extrema esquerda do partido. Os liberaes em grande parte mostraram-se igualmente contrarios á greve, mas do mesmo modo que succedera com os chefes socialistas, fôram tambem abandonados pelo grupo mais avançado do seu partido.

Deu-se, portanto, a greve em circumstancias que bem fariam prevêr o mau exito d'essa tentativa quasi revolucionaria.

Os jornaes francezes, em geral, e alguns allemães exageram muito o movimento grevista, que na realidade foi inferior ao que esperavam os promotores. Fez excepção o «Times», cujo correspondente imparcialmente tem narrado tudo que tem acontecido. Ao numero real dos operarios que cessaram o trabalho é preciso descontar os que a isso foram forçados por intimidação dos syndicatos socialistas, e os que deixaram de trabalhar por desorganisação das officinas, pela falta de certos empregados especiaes, ou por escassear a materia prima. Feito esse desconto, reconhecer-se-ha certamente mais tarde, como succedeu em 1902 com uma greve identica, que o numero dos grevistas voluntarios é pequeno em comparação dos que forçadamente foram constringidos a cessar de trabalhar. Desde os primeiros dias notou-se por toda a parte, com excepção apenas do *arrondissement* de Bruxellas, uma manifesta tendencia para recommençar com regularidade o trabalho nas fabricas e minas em que cessára no todo ou em parte sómente. Em Bruxellas abandonaram o serviço, em grande numero, os operarios da regie da fabrica do gaz por conta do municipio, sendo immediatamente substituidos por 60 soldados de granadeiros, não havendo a menor interrupção do fornecimento do gaz e electricidade ao publico. E na vida ordinaria da capital não se manifestou o menor abalo, nem perturbação. Sabia-se que havia greve no paiz, porque os jornaes o diziam.

A greve tem-se conservado absolutamente pacifica com pequenos accidentes de menor importancia, ao que se esperava.

Deve-se isto á cordura e boa ordem que os grevistas manifestaram desde o principio, por virtude dos conselhos e instrucções dadas pelos dirigentes do partido operario; mas deve-se tambem, e talvez principalmente, ás medidas adoptadas pelo governo, no sentido de se manter a ordem por toda a parte com o maximo rigor e prudencia ao mesmo tempo.

As forças da gendarmeria foram reforçadas nos pontos em que a cessação de trabalho devia ser mais intensa, e as tropas de linha foram mobilisadas, oc-

cupando os pontos principaes das regiões onde se receiavam mais os tumultos, promptas a acudir ao primeiro signal de desordem para prestar auxilio efficaz á gendarmeria, á qual incumbem a obrigação especial de manter a ordem no paiz.

No dia 22 notou-se que o numero dos grevistas diminuiu sensivelmente em muitos pontos, contando-se talvez com o accordo que se annunciara para esse dia, durante a sessão da camara dos representantes, entre o governo e as opposições. A sessão d'esse dia foi realmente memoravel, porque d'ella resultava de facto a cessação da greve, sem quebra para o prestigio do governo, e das instituições. Assisti a toda a sessão que correu na melhor ordem e socego, sem as agitações que os promotores da greve annunciavam. Em votação nominal, por unanimidade, foi approvada a moção de um deputado liberal, emendada e modificada pelo partido catholico, em que se tomavam em consideração as declarações do governo em sessões anteriores.

O additamento em que era reprovada a greve geral, proposto por um deputado catholico, foi approvado por 124 votos (catholicos e liberaes), e regeitado por 39 socialistas, havendo 12 abstenções, todas de liberaes do grupo chamado progressista. O conjuncto de toda a moção foi em seguida votado, havendo 138 votos a favor e 2 contra. Os socialistas abstiveram-se de votar.

Em consequencia da votação da camara dos deputados o governo nomeará uma commissão extra-parlamentar para a reforma eleitoral na parte que se refere ás municipalidades e assembleias provinciaes; e se essa commissão achar uma formula que reuna os votos dos diferentes partidos no sentido de se modificar igualmente o regimen eleitoral legislativo, os deputados poderão inserir a nos seus programas para a futura eleição legislativa que se effectuará em maio de 1914. Conforme se pronunciar o paiz n'essa consulta, se até lá se conseguir o accordo desejado, assim procederá o governo. Os catholicos dizem que d'esta fórma a questão subsiste *reintegra*; e pelo seu lado os socialistas julgam que a revisão constitucional vae seguindo o seu caminho, e que brevemente se chegará ao termo inevitavel. Assim diziam, porém, por occasião da greve de 1902, e já lá vão 11 annos.

De tudo resultam evidentes os seguintes factos:

O partido catholico, apesar da sua longa permanencia no poder, desde 1884, encontra-se firme e unido para o cumprimento do seu programma.

Os liberaes, tardiamente, se desligaram dos socialistas, por conhecerem que a greve era mal vista, e causava serios prejuizos ao paiz, sem compensação, mas mostraram a existencia de graves dissidencias no seu seio, que forçosamente enfraquecerão a sua acção politica.

Os socialistas commetteram um grave erro, que lhes trará innumeradas difficuldades para o futuro, porque se mostrou que o partido operario, propriamente dito, não segue as indicações sensatas e prudentes dos seus chefes, e se deixa guiar e dirigir pelos elementos que tem por fim unico anarchisar e perturbar toda a vida social sem attender aos interesses geraes do paiz.

O sr. Wandeveldt declarou na camara que fôra o partido operario que declarára a greve, contra a sua opinião, e que elle era apenas o *servidor* do partido.

Em 23 devia reunir-se a commissão da greve, e em 24 o congresso geral socialista para deliberar sobre o que conviría fazer.

Qualquer que seja a resolução d'essa assembleia, pôde considerar-se a greve como virtualmente terminada; e no começo da proxima semana se achará provavelmente regularizado o trabalho em quasi todas as fabricas e minas bel-

gas, como é possivel depois dos acontecimentos dos ultimos oito dias, que deixam sempre vestigios sensiveis durante muito tempo.

M.

Carta de Lisboa

Veem desde domingo os jornaes republicanos cheios de pormenores muito extraordinarios sobre acontecimentos que se deram na madrugada d'esse dia e que parece terem tido echo em algumas das noutes seguintes. Nós nada podemos dizer ao certo, porque a historia está ainda muito complicada. Só o tempo poderá desvendar o que de mysterioso existe n'esses acontecimentos e que a critica imparcial tem ainda difficuldade de julgar. Mas para satisfazer a curiosidade do leitor, vamos vêr se conseguimos dar-lhe uma impressão do que se tem passado n'esta capital.

A' hora e meia da noute de domingo quando o corpo diplomatico e o alto funcionalismo se deliciavam com os bellos alexandrinos do Conde de Monsaraz, recitados pelo illustre actor Augusto de Mello, ouviram-se para as bandas da Graça, uns certos signaes mais ou menos estrondosos. Dizem uns que eram tiros de pistola, outros teimam que era o sr. Estevão de Vasconcellos a arrotar. Depois soube-se que grupos de civis appareceram aqui e ali a dar vivas ao exercito; que pela cidade andára até a alvorada um capitão de infantaria 5 a passear de leste a oeste e de norte ao sul, com 40 soldados atraz d'elle, sem saberem o que este queria nem para onde ia; que de manhã apparecera uma força de cavallaria a perguntar a toda a gente se tinha visto o capitão e os soldados, até que os encontrou e os levou para o Arsenal, onde estavam muitos marinheiros e civis, e alguns dos mais corajosos revolucionarios de 1910. Mas nem os jornaes nem ninguem ainda soube explicar bem o que toda essa gente queria, se é que queria alguma coisa confessavel. Desatou então a policia a prender muitos republicanos, dando a impressão de que o sr. Affonso Costa tinha dado a alternativa ao sr. Teixeira de Souza para este fazer durante dous ou tres dias o que não soube ou não quiz fazer nem na noute de 3, nem nos dias 4 e 5 de Outubro.

Duas noutes depois o sr. Estevão de Vasconcellos, que tinha ido passear ao Tejo, deu outra vez signal de si, e tanto barulho fez que até illudiu o sr. Ministro da Marinha, que suppoz ter ouvido

uns tiros de peça a bordo do «S. Gabriel» e embarcou logo para lá com o commandante do navio que, por tal signal, estava em terra! Então, começou uma azafama medonha no Arsenal. Mandou-se apromptar para sahir dous navios de guerra, e quando se imaginava que elles já estavam a algumas milhas do Tejo, apurou-se que elles nunca tiveram tenção de levantar ferro, e que o boato espalhado a esse respeito foi inventado pela thalassaria fina da baixa.

N'esta altura surgiu uma lista de um ministerio novo, na maioria composto de democraticos authenticos em collaboração com o sr. Mario Monteiro que se diz socialista e que a policia agora quer que seja moedeiro falso, e o sr. general Fausto Guedes que, tendo sido o inventor de uma celebre marca de espingardas, queria vêr se entrando no ministerio dos Estrangeiros impingia a sua invenção ás potencias.

Esse ministerio teria como presidente o sr. Magalhães Lima, o que explica a razão por que é que o capitão de infantaria 5 não sabia o que queria, porque estando combinado encarregar-se da pasta da guerra não podia deixar de pensar nos seus primeiros actos que estava de accordo com o chefe do governo. E toda a gente tem visto que o sr. Magalhães Lima não sabe o que faz, quanto mais o que quer!

Pergunta-se agora porque é que andam de noite pela baixa praças de cavallaria, porque é que o chefe do governo foi para o Parlamento largar biscas a sr. Machado dos Santos que lhe pagava com outras do mesmo calibre, e sobretudo porque é que os jornaes dizem ter sido presas tantas pessoas ainda não ha muitos dias elogiadas, aclamadas e festejadas nas columnas dos jornaes radicaes. Ninguem sabe responder. Pede-se a explicação de muitos casos exquisitos que se estão dando, mas ninguem os sabe explicar. Tudo enigmatico!

Não falta, porém, quem attribua aos presos intenções más contra os ministros e os chefes dos partidos pelo caminho errado em que tem levado o novo regimen, mas deve ser tudo intriga, e já hoje o sr. capitão Andrade appareceu com uma carta a declarar que não quer mal ao governo e que até é muito amigo do sr. Affonso Costa.

Querem vêr que se apura ainda que o que toda essa gente pretendia, era dar cabo dos thalassas?

Sendo assim, não nos admirará nada, que d'aqui a pouco appareçam todos soltos!

Quarta-feira 30.

Raul.

A Segunda Incursão Monarchica

OITO MEZES NA GALLIZA

O ROMANCE D'UMA FUGA

Egualdade e Fraternidade
práticas

—No dia seguinte, continuou Antonio Graça, quando estava á espera do recado de Vaz Preto para partirmos, conforme ficara combinado, recebi mas foi um recado do capitão Lobo, transmittido pelo Vaz Preto, que annunciava ter afinal chegado o automovel...

—E vocês não o encontraram, pelo caminho? quiz apurar Gonçalo Meirelles.

—Não, — explicou Antonio Graça —, porque o automovel fôra por outro caminho que não o esperado. O capitão informava-nos da direcção que resolverá tomar e ordenava que nos fossemos juntar a elle. O Vaz Preto, assim que recebeu o aviso, safou-se como pôde, e eu nunca mais o pude apanhar. Tratei tambem de ir ter com o capitão Azevedo Lobo. Recebi estas instrucções de manhã, e não tendo outro meio mais discreto de locomoção, vesti o mesmo fato de mendigo, met-

ti-me n'uma 3.ª classe de caminho de ferro, e parti. No comboyo havia muita animação. Era o dia 5 d'outubro. Os passageiros da minha classe, na maior parte operarios da Covilhã, trocavam impressões sobre a entrada de Couceiro, que era o assumpto dominante. Eu, encolhido a um canto, com o meu sacco onde levava as pistolas e os emblemas azues e brancos, emfim todo o fardamento de paivante, não dava palavra. Mas os outros passageiros, operarios, e, pelo fallar, operarios republicanos, acreditando-me authentico mendigo, acharam-me desprezível e tomaram-me para alvo de troça. Diziam-me coisas, tiravam-me o chapéu, que eu pedia, fazendo-me parvo, queixando-me de frio na cabeça. O operariosinho reivindicador, o povo equalitario e fraternal delirava com a minha apoquentação e chasqueada miseria, como qualquer senhor medieval com as deformações hilariantes do seu bobo. Eu não protestava, deixava correr. Todo o meu receio era que me dessem com o sacco, debaixo do banco, porque, com o respeito que a miseria ins-

pirava áquelles fraternas e egualitarios proletarios, com certeza me pegariam n'elle, como me pegaram no chapéu e me puxariam pela jaléca. Entrou o revisor; dei-lhe o bilhete; elle marcou-o, e, olhando para mim com um olhar «egualitario», atirou-me d'alto o bilhete que caiu no chão, e eu tive de o apañar humildemente, com a resignação da minha condição de mendigo. Os operarios achavam muita graça, e continuavam a metter-se commigo como rapazio atraz d'um tarado.

— Eu acho que não resistia á tentação de os esmurrar!... — exclamou Gonçalo Meirelles.

— O que eu queria era a minha liberdade, para poder collaborar na revolução das Beirras, o mais importava-me lá bem! Até me divertiu este estudo experimental da democracia! Na estação em que eu entendi que devia saber, para me ir juntar ao capitão Lobo, apeei-me do comboyo. Eram onze e meia da noite. Segui para o ponto onde devia encontrar-me com o meu commandante, mettendo por atalhos que nunca vira, guiando-me apenas pelas luzes que ao longe lobrigava, por caminhos horrorosos, passeados por lobos, segundo ao depois me disseram. Atravessei uma verdadeira floresta de carvalhos, rodeei os caminhos transitados, e, depois d'uma grande volta, encontrei então piso de gente. Da povoação, desciam grupos de homens, cantando animadotes a *Portuguezia*, e soltando vivas; ao passarem por mim, um gritou: *Oh! thalassa!* Tive um arrepio de frio, mas segui derreado, sob o meu sacco, com a placida resignação do mendigo acostumado a encontrar os homens e a ter menos medo dos cães de guarda. Os manifestantes seguiram tambem o seu caminho, a cantar e a berrar. Aquillo fóra apenas a tentação de atirarem uma chufa a quem elles suppunham necessitado de que lhe atirassem uma esmola.

— Amor social! — synthetizou o tenente Satorio Pires.

— Fui bater a uma porta conhecida na freguezia onde esperava encontrar-me com o meu capitão. A porta da casa estava fechada. A voz que veio ao portal, respondi: «Antonio!» Reconheceram-me a voz, mas ao vêrem-me n'aquelle traje, supuzeram ter-se enganado, tiveram medo, e iam a fechar-me a porta; eu empurrei-a com toda a força, e expliquei a situação. Era tempo: atraz de mim seguia um vulto. Se de dentro gritam com medo, ou o vulto dá commigo a forçar a porta, eu era estupidamente preso. Entrei, e toda a noite fiquei á espera, de pistolas aperadas, e o ouvido ancioso pelo signal da revolta. Foi uma noite de véla. Passou-se essa noite, passou-se todo o dia seguinte, e eus em saber absolutamente mais nada. Dois dias depois, os jornaes contavam, com grande surpresa minha, a prisão do capitão Lobo em Macedo de Cavalleiros. Vendo que já nada fazia allí, e receoso de comprometter, com a minha presença, as bondosas pessoas que me emprestaram o seu tecto, dispuz-me a seguir pelo mesmo caminho, direito á estação de caminho de ferro mais proxima.

— Não estavas farto? — recriminou Gonçalo Meirelles.

— Que remedio tinha eu!... Como chovesse muito e fizesse muito frio, levava além do meu sacco, um cobertor de pápa, ás listras vermelhas sobre o fundo esverdeado. Já eu passara por gente da povoação, quando reparo que n'uma das pontas do cobertor estava cozida uma marca com o nome do dono da casa onde eu estivera acolhido; voltei logo a ponta do cobertor, e seguí curvado á chuva e ao peso de todos aquelles contrastes. Tive um ataque de desanimo, sob aquella chuva de derrota e aquelle frio que tanto podia ser de prisão como de exilio.

— E' o frio horrivel da debandada! — exclamou Satorio Pires.

— Cheguei muito cedo á estação; com o receio de que reparassem em mim, em vez de ir esperar para dentro da estação, fiquei fóra á chuva, insultadora suprema.

— Tambem nos insultou a nós desde a Portella a Vinhaes e de Cazares ao Gerez! disse do lado Gonçalo Meirelles.

— A chuva quando cabe é para todos! — sentenciou o tenente Satorio.

— Pois a mim pareceu-me que cabia toda em cima das minhas costas! — queixou-se Antonio Graça — Bem. Approximava-se a chegada do comboyo, e eu fui comprar um bilhete de terceira classe. O bilheteiro e a gente que estava em volta olhava para mim. Já se faziam muitas prisões por suspeitas, consequencia da Incursão, e cada olhadela era um sobresalto. Eu imitava a voz de labrego, e escondia as mãos para não haver contraste com a minha emprestada condição de mendigo. Fui para outra povoação onde, depois de pernoitar n'uma dedicada casa, passei para uma cabana, habitada apenas por uma sympathica familia de caseiros d'uma vinha. So:be ahí que alguém me reconhecera, ao aprear-me do comboyo.

— Quem? perguntou Satorio Pires.

— O creado que me emprestara o fato de mendigo e que, estando por acaso na estação, pela farpella me reconhecera. O homem nem se me dirigira, nem diria palavra a ninguém. Fiquei descansado, e dei-me com delicias á paz do meu refugio. A cabana era um casebre de pedra simples, trastejada por uma enxerga feita de palha na occasião, uma bilha, um alguidar onde me lavava, uma meza e um banco de pinho. O meu amigo mandava-me quanto havia de bom para eu comer:

magnifico presunto, magnificas fructas e magnifico vinho. O feitor só tinha o trabalho de me fazer o caldo.

— Porque não exportaste tu para nós esses mimos? Os venturosos não pensam nos famintos!... — censurou Gonçalo Meirelles.

Antonio Graça sorriu, para continuar:

— Não obstante a inhospitabilidade da casa, tinham sido taes os sustos que eu passára, que já dizia para o feitor: «—D'aquí é que eu não saio mais enquanto houver revoluções. Estou aqui muito bem. D'aquí é que ninguém me arranca!» E, de facto, sentia-me n'um paraizo. De dia, permanecia com a porta fechada, quasi ás escuras, para que a gente que passava nos atalhos não desse por mim. A' noite, como uma coruja que tem medo da luz do dia, sabia a tomar ar, n'um pequeno jardim que lá havia. Depois, comia o caldo da ceia, com o caseiro e a mulher, e cavaqueava com elles. Ouvi então a alma do nosso povo: fallava se, quasi sempre, da republica, da contra-revolução, dos conspiradores, das prisões, das buscas, de Paiva Couceiro, e da Galliza. O caseiro, rapaz dos seus vinte e cinco annos, era um fanatico pelo Couceiro; o seu prazer era ouvir descrever a nossa vida da Galliza. A mulher, nova tambem, escutava com gosto; e não havia serão que não findasse por esta exclamação do caseiro: «Ah! se eu não estivesse casado, tambem ia para lá!» Depois davamos as santas noites, e deitava-me, sempre cedo.

Recomeçando a vida errante

— Pois bem tarde me deitei eu hontem, e vou já levantar-me! — atalhou o tenente Satorio Pires.—E' quasi meio-dia, tóca a vestir, seu Meirelles!

— Então, o resto fica para depois... — propoz Antonio Graça.

— Não, senhor, continua que a gente vae-se vestindo e ouvindo.

— Entretanto o mau tempo teimava —, continuou Antonio Graça.—De dia viam-se estrellas no tecto: os raios de luz que furavam o telhado. A' noite illuminavam-me os relampagos. Uma noite acordei com a chuva a alagar-me a enxerga, que tive de mudar para outro sitio; outra noite, seriam as onze, os chocalhos dos varios rebanhos que por ali ha, desataram a tilintar, signal de que as ovelhas tremiam. Os cães tinham um uivar sinistro. Chovia desesperadamente: de vez em quando, os aguaceiros eram partidos por um relampago. No outro dia, perguntei ao caseiro o que fóra aquillo. «Foi lobo que andou perto!», ensinou-me o feitor. Apesar de tudo, eu sentia-me bem. Durante o dia, ou me deitava ou me entretinha a limpar as pistolas, pensando no serviço que podiam ter feito ou podiam vir a fazer; ou, então, não tendo que lêr, punha-me a escrever. Julgava-me plenamente seguro, e estava muito satisfeito, quando ao quinto dia de cabana fui, avisado de que já andava por allí um espião e que era preciso saber. Chamaram-se contrabandistas que responderam: «E' impossivel passar o para Hespanha! Depois da entrada do capitão Lobo, a fronteira por aqui está toda guardada por tropa, cavallaria e metralhadoras, e nem nós sósinhos nos atrevemos a passar quanto mais na companhia do senhor! Temos muita pena, mas creia que é impossivel!...» Allí não podia ficar, para Hespanha não podia passar, resolvi ir á aventura. Para onde?...

— Para a meza do almoço, e já! — declamou Satorio Pires.—Agora é que é certo o resto ficar para logo.

— Eu estava a contar por contar...

— Não, senhor. A sua aventura é interessantissima, e reclama-se a continuação.

— Ainda leva uma boa hora a contar o que falta — avisou Antonio Graça.

— Não tem duvida! Eu gramei..., mas vamos indo para a meza que estou a cahir de fraqueza — (Declarou o tenente Satorio. E encaminhando-se para a porta): Mas deixame só contar-te isto que ia a contar. Eu gramei o Manuel de Cabêdo...

— Está cá? perguntou Antonio Graça.

— Está. E' impagavel! Outro dia, uma gallega foi orar por elle á igreja de Mogueimes; elle acompanhou-a e, á sahida, dirigiu-se-lhe com aquelle bambolear taumachico e disse-lhe com o ar mais serio d'este mundo: — «Ha tres coisas que o cavalleiro portuguez...» Pois, o Manuel de Cabêdo aturei-o eu quatro dias seguidos a contar coisas. Contou tudo quanto sabia, vira, ouvira d'este mundo e do outro. Ao quarto dia, o Manuel de Cabêdo estava sentado na beira da cama, a bambolear as pernas muito magras, a olhar para o chão, pensativo, muito triste de ter exgotado o repertorio e já não ter mais nada para contar e me distrahir, como elle julgava que era sua obrigação. De repente, ergue a cabeça, e com a face illuminada, evoca-me:

— «O' meu tenente!...»

— «Que é lá?»

— «Eu tambem sei cantar de gallo!»

Joaquim Leitão.

AS CADEIAS DA REPUBLICA

Dr. Cordeiro Ramos



Dr. Cordeiro Ramos

Na sua cella do Limoeiro, cella luxuosa e confortavel como se vê.

Continuamos hoje a visitar as cadeias da Republica. Temos muito que andar. Não nos aterra a caminhada nem nos fatiga a missão sagrada que entendemos assumir.

Horrorisa-nos!

Ha já algumas semanas que era este o tetrico balanço dos tribunales da Republica:

«298 condemnações a 6 annos de prisão maior cellular seguidos de 10 de degredo ou na alternativa em 20 annos de degredo; 180 condemnações n'outras penas de prisão cellular seguidas de degredo ou na alternativa em degredo; 102 condemnações em prisão correccional; 201 absolvições.»

Isto fóra os que falta ainda julgar.

Se fosse só sabel-os sonegados da luz, da amilia, do lar, da vida, da liberdade! mas os horrores que á privação da liberdade os carcereiros republicanos teem ajuntado!

E' preciso revestirmo-nos de coragem, equalarmo-nos em animo, e n resistencia aos proprios presos, para os não desencorajar a nossa visita.

Que até hoje elles teem sido stoicos.

Um caso conhecemos apenas em que as forças não excedessem o martyrio.

Lembram-se? Foi uma velhinha de 73 annos, D. Rosa Ribeiro Dias, que succumbiu n'uma cadeia de Braga.

Quando ella entrou, os duzentos prisioneiros que o carcere continha, aos quatro e cinco em cada cella, tiveram um assomo de revolta. E ella? Ah! ella, a piedosa e nobr-prisioneira não teve uma palavra de queixume. Mas, não tardaram a tortural-a manifestações cardiacas.

Supportou cento e quinze dias, silenciosa, energica, as vascas da agonia, afflicta com a falta de cubagem da cella, insufficiente para uma pessoa quanto mais assim habitada por ella e outros prisioneiros mais.

Faltava-lhe o ar; aquella porta não era a porta d'uma prisão, era a pedra d'um tumulo. Depois, narra Luiz Telles de Vasconcellos, testemunha d'esse drama horroroso, depois: «as suffocações augmentaram, e eu vi essa pobre velha de 73 annos juntar as mãos, supplicando que lhe abrissem um instante aquella porta que lhe roubava o ar necessario á vida.»

«Não era o medo da morte que lhe fazia assim supplicar de mãos postas. Ella queria levar até ao fim heroicamente a sua cruz; a vida não pôde durar tanto como o martyrio — e ella morreu sem maldizer os seus algozes.»

No Limoeiro, onde vamos hoje, factos tão

horrorosos, como este, se teem passado, e tanto que até o proprio ministro da justiça da Republica, sr. Dr. Leotte Tavares, se horrorisou, do que viu, e que tambem viu, mas não se horrorisava o director, depois demittido, Sanches de Miranda.

Esperemos, porém, que demittido esse primeiro director da Republica, o Limoeiro nos não dê hoje uma reprise dos dramas de 1911.

No grupo A, onde longos e cruciantes mezes padeceu o Padre Avelino de Figueiredo, está ainda o Dr. Armando Cordeiro Ramos.

Cordeiro Ramos, hoje um penitenciario, foi um dos raros que escaparam ao veneno republicano nos bancos academicos.

Entrou em Lisboa com os 500 estudantes de Coimbra que foram saudar El-Rei D. Manuel, foi membro da commissão organisadora do Centro Monarchico Academico de Coimbra, redactor principal do semanario academico *Patria Nova*, em cujas columnas se evidenciou o elegante jornalista a quem mais tarde os seus, e nossos correligionarios da capital alemtejana, haviam de entregar a direcção do diario regenerador-liberal *Noticias d'Evora*.

Os seus discursos d'estudante garantiram-lhe a estima do grande cerebro e raro caracter de que é portador Teixeira d'Abreu.

Lisboa e o Porto sollicitavam a sua collaboração; o Brazil disputava-a.

Mas o que seria esse rapaz nas horas amargas em que uma revolução inutilisasse a sua vida de trabalho?

Não podia ser senão o que foi: um homem forte, um homem de bem — um penitenciario politico.

A's 8 horas da manhã de 11 de julho de 1912, era preso n'uma herdade a 9 kilometros de Extremoz.

Conduzido para a villa, metteram-o n'uma infecta e nojenta enxovia, passando d'alli para o quartel de cavallaria 3, onde esteve 21 dias! rigorosamente incommunicavel, com sentinella á vista. Mais tarde, atiraram-o para as masmorras do Limoeiro, fazendo o trajecto até Lisboa, n'uma terceira classe escoltado por 2 soldados e 1 cabo.

Respondeu no Tribunal Marcial de Santa Clara, no dia 15 de novembro de 1912, sendo injusta mas dignamente condemnado, apesar da carencia absoluta de provas, a 4 annos de prisão maior cellular, seguidos de 8 de degredo, ou na alternativa a 15 annos de degredo.

Firme nos seus principios é cada vez mais inabalavel a sua fé monarchica, tendo supportado com heroica estoicidade chufas, insultos, ameaças, passeios em *carro cellular*, prisões, segredos, tudo!

Nunca ninguém lhe ouviu o mais pequeno lamento ou o mais insignificante queixume.

No captivo tem procurado quanto pôde minorar a sorte dos seus infelizes companheiros, dando de comer a este, distribuindo dinheiro áquelle, comprando tabaco para uns, arranjando advogado a outros.

Cordeiro Ramos é um homem que honra a raça portugueza e a causa Monarchica.

Não é, felizmente, uma excepção entre os presos politicos monarchicos, porque, consolador é poder affirmar-o, os presos politicos monarchicos teem sido mais do que altivos perante o soffrimento, teem sido a Honra personificada.

Só Monarchicos saberiam ter a sublimidade que os presos politicos demonstraram em certos tribunales.

Bastava essa pagina para os distinguir de tudo o que para ahí ha, e para se poder affirmar que o Character não desapareceu em Portugal.

Saber entrar assim na Penitenciaria, é saber com quantos sacrificios se escreve a palavra Honra.

Não ha duvida que se abusa muita vez dos homens de bem, mas é uma consolação que até os que não sabem o que isso é contem, para impunemente o não ser, com a honra dos outros.

Nem essa pagina — que um dia se escreverá — faltou á grandeza dos presos politicos monarchicos.

E' macabra, mas é consoladora essa pagina!

Um dia a lerão.

Os bons tempos da tropa

(Uns parentes que partem para o Brazil)

— Vósseria dá licença, meu Capitão?

— Entre...

— Vósseria dá licença que toque a detidos e convalescentes?

— Toque...

— Vósseria dá licença que toque a

«sentido» para o arriar da bandeira?...

— Toque...

— Vósseria dá licença que toque ao reforço, em sendo horas?...

— Toque...

— Vósseria dá licença que toque a corneteiros, em sendo horas?...

— Toque, homem...

Este dialogo passava-se, ahí por volta das 6 horas d'uma tarde de verão, entre o corneteiro da guarda e o official d'inspecção — o primeiro, *espécado* em sentido á porta da sala dos officiaes, e

o outro, aborrecidissimo, encostado á janella e fumando tristemente um cigarro, emquanto ia mirando com a vista um barco, que, já a meio do rio, seguia o rumo da outra banda.

Mas o corneteiro ainda não despejára o ról das *auctorisações* e voltava á carga!

— Vós seria dá licença que o *terno* destroe, quando...

— Toque! Toque! Toque ao que quiser!... Irra! Que você gasta-me o nome...

Mas n'isto um outro «Vós seria dá licença?» em tom differente...

— Entre! O que quer?...

D'esta vez era o cyclista de dia, que, com passos de *minima bulha* e cara de quem traz um pedido engatilhado, entrava dizendo:

— Saberá Vós seria que eu estou hoje de dia...

— Parabens... E então?

— Saberá Vós seria que me chegaram hoje da terra uns parentes, que vão amanhã para o Brazil...

— E depois?...

— Saberá Vós seria, que se V. Ex.^a desse licença eu sahir só até ao recolher para estar um bocado com elles, antes de partirem...

— E quem faz o serviço? — interrompe o capitão, puxando uma fumaça e achando justo o desejo do pobre rapaz. Sabia lá Deus, quando elles se tornariam a vêr!... Era-se assim *tyranno* nos tempos da Ominosa.

— Saberá Vós seria que deixo o 45 da 5.^a, que sabe andar de machina e responde a detidos.

— Bom... vá lá! Mas não me falte ao recolher, senão leva-lhe o diabo a alma...

— Saberá Vós seria que não falto...

— ... E diga isso ao nosso sargento da guarda...

— Saberá Vós seria que sim... Muito agradecido a Vós seria... Vós seria dá licença que me retire?

— Sim senhor... E tenha juizo...

— Saberá Vós seria que sim...

Passam-se uns tantos dias. O capitão volta a fazer a sua inspecção.

A' mesma hora, o mesmo «Vós seria dá licença?» do corneteiro.

— Toque! Toque a tudo quanto quiser... E deixe-me sosegado...

Mas n'isto um novo:

— Vós seria dá licença?

— Entre lá... Irra que isto é demais! Quer ir-se deitar? Dê o numero ao cabo de dia...

— Saberá Vós seria que não...

— Então o que quer? Desembuche...

— Saberá Vós seria que eu estou hoje de dia... sou o cyclista de dia e tenho uns parentes que partem amanhã para o Brazil...

— Ouça lá, meu menino, você tem todos os dias uns parentes que lhe partem para o Brazil? — atalha o official, que de repente se recorda que na ultima inspecção, o mesmo lhe fizera igual pedido.

— Saberá Vós seria que são outros...

— Outros? Quaes outros nem qual diabo... Bem... Vá lá, mas não á julgando que me intrujou...

— Saberá Vós seria que não...

No outro dia, na sala dos officiaes, o nosso capitão conta o caso, achando-lhe um bocado de graça, a differentes camaradas.

— O' menino! Esse pedido já elle me fez a mim.

— E a mim.

— E a mim.

— E a mim tambem... — atalham differentes vozes...

Isto é: amigo cyclista todos os dias de serviço arranjava aquelle meio para sahir do quartel e dar a sua volta.

«Uns parentes que partem para o Brazil».

— Agora o que vocês não sabem é que os parentes que lhe partem para o Brazil, são nada mais nada menos que uma magnifica *sopeira*, com quem todas

as tardes o vejo a passear lá para os meus sitios — interrompe o thesoureiro do Conselho, que accrescenta:

— Por signal que ainda hontem eu o vi, com o uniforme de *guarnição*, com a *sopeira* ao lado, é claro, e por signal até lhe perguntei: «O' rapaz, o que andas tu por aqui a fazer, com esse uniforme?» E vae elle respondeu-me, logo muito prompto:

— Saberá Vós seria que estou d'ordens ao nosso Commandante e elle dispensou-me até ao recolher e eu... vim passear um bocado com esta minha prima, que me chegou da terra e vae amanhã para o Brazil...

Saturio Pires.

Phantasias

O saber e a ignorancia

Tanto o saber como a ignorancia são communicativos.

(Das «Notas de um Pae», do sr. Bernardino Machado).

O secretario do sr. Bernardino, ao almoço: — V. ex.^a já sabe quem é o novo consul que vem para o Rio?

O sr. Bernardino:

— Sei.

— N'esse caso escusa v. ex.^a de m'o dizer.

— Porquê? Não quer saber?

— Não preciso. Desde o momento que v. ex.^a sabe, tambem eu sei. Tanto o saber como a ignorancia são communicativos.

— Isso não é uma razão!

O secretario fitou o sr. ministro e respirou fundo, como quem sacode jubilosamente um juizo temerario.

— Tambem me queria parecer, exclamou, que aquillo não era uma razão. Com franqueza, até me queria parecer exactamente o contrario. Mas como foi v. ex.^a que o disse...

— Perdão, perdão, atalhou o sr. Bernardino, muito vexado. O meu bom amigo não me comprehendeu. O que eu queria dizer era que eu o saber quem vae ser o consul, não era razão para o meu amigo o saber tambem.

— Então não era, sr. dr.! Pois o saber não é communicativo?

— E'.

— Então sei!

Bernardino, vendo que estava a perder o seu tempo, perdeu tambem a paciencia:

— Ah! Sabe? Então diga lá quem é?

— E' o... não sei.

E o pobre do secretario ficou muito vermelho, fitando o seu chefe e desculpando-se ainda á custa d'elle:

— Sr. dr., parece-me que o saber não é communicativo!

— E', sim, homemzinho de Deus!

— Então, se v. ex.^a sabia quem era o consul...

— Pois sabia!

— ... porque é que eu não sei?

— Porque eu tambem não sei.

A gostosa pèra que o afflicto secretario estava descascando, rebolou pelo chão, emquanto os olhos lhe reboavam, doidos, pelas orbitas. E foi suffocado quasi que lastimou, a custo:

— E' a tal cousa! Mas então v. ex.^a sabe ou não sabe?

— O' homem, ouça bem e veja se me entende: quando você aqui entrou, você não sabia o que eu sabia; e eu que o sabia, fiquei sem o saber, visto você não o saber. A ignorancia é communicativa!

E, como se temesse não ter sido ainda comprehendido, explicou melhor:

— Você sabe uma cousa e eu tambem. Ficamos ambos sabendo. Saber é communicativo! Você não sabe uma cousa e eu tambem não. Ficamos ambos sem a saber. Ignorancia communicativa! Mas você sabe qualquer cousa que eu não sei. Como o saber é communicativo, eu fico-a sabendo.

— Mas fico eu sem a saber, por ser tambem communicativa a ignorancia.

— Pois é, vê? E depois, pelas mesmas razões, fica-a você sabendo outra vez e eu não. E depois outra vez a mesma cousa. E d'ahi a bocado nenhum de nós sabe ou percebe cousa alguma.

Os dois ficaram mudos e acabrunhados, o sr. Bernardino com os olhos no prato, o outro com os olhos n'elle, á espera de uma explicação salvadora. Como ella, porém, não viesse, o secretario inclinou-se para o ministro e, olhando cuidadosamente em redor, não o fosse ouvir alguém, segredou-lhe ao ouvido:

— Não sei se v. ex.^a não se teria estendido com a sua affirmacão sobre o saber e a ignorancia.

O sr. Bernardino ficou muito incommodado. Mas como não podia discordar, visto que a ignorancia é communicativa, murmurou muito baixinho, muito baixinho:

— Tambem eu não sei!

Pépe.

SCUTARI

A' meia noite de 22 para 23 do corrente os Montenegrinos, deixados a si proprios e apesar da opposição da Europa, tomavam Scutari d'assalto depois de cinco mezes e meio de cerco.

Póde considerar-se o ultimo acto da guerra balkanica: Kirkilissé, Lula Burgos, Andrinopla, marcaram as etapas successivas do avanço bulgaro; Monastir, Uskub, Rumanovo os triumphos servios, Salonica e Janina as conquistas da Grecia. Finalmente chegou a vez ao heroico povo, que fôra o primeiro a encetar a campanha de libertação; gloriosa victoria, pagina soberba de historia que a tenacidade imperturbavel do Rei Nicolau soube alcançar para a mais pequena nacionalidade europeia, mau grado a ameaça austriaca, apoiada por uma mobilisação que collocou em armas mais do triplo da propria população montenegrina, apesar ainda de toda a pressão da diplomacia europeia, e sem ceder á manifestação naval, a quem bizarramente deixava apprehender um trophéu glorioso, remate condigno d'um bloqueio sem precedentes: o aprisionamento do yacht real, sem uma espingarda nem um canhão a bordo, pela esquadra internacional das maiores potencias do mundo!

A diplomacia europeia foi de boa mente para um *fiasco* completo. Já no principio d'abril, alguns dos jornaes bem informados, entre elles lembramos o *Temps*, davam como segura a queda de Scutari. As potencias organizaram então uma demonstração naval, reunindo as suas esquadras contra um paiz que tinha como armada de guerra um *yacht*, e tendo por fim tornar impossivel uma victoria á qual de antemão se sabia que teriam que assistir.

E' deveras brilhante.

Mais brilhante ainda se torna a sua decisão, se pensarmos que a Europa declarou solemnemente que Scutari pertenceria á Albania.

Mas ainda não foi capaz de achar quem ha de ser o rei ou o chefe d'esse paiz até hoje sem fronteira alguma definida.

Ao Sul os Gregos occupam o antigo Epiro, cujas populações no uso pleno do mais sagrado dos Direitos querem a incorporação na sua Patria Historica. Outro tanto acontece com a fronteira interior occupada pelos Servios.

Agora os Montenegrinos tomam d'assalto a indicada capital d'um reino sem rei nem fronteiras, nem povo sequer, e o Rei Nicolau, que esse sim sabe ser Rei, declara que a bandeira montenegrina se não arriará das muralhas de Scutari!

Acontece ainda que a Europa com esta embrulhada da Albania faltou por completo aos deveres estrictos da neutralidade. A Albania era uma provincia do Imperio Turco, que nem sequer tinha um estatuto especial como a Macedonia por exemplo.

Erigil-a em estado autonomo, durante a guerra, querer assim subtrahir uma parte do territorio de um dos belligerantes a acção militar do outro, é simplesmente um acto d'intervenção. Isto é, a Europa violou conscientemente e declaradamente as leis da guerra. Serviu por isso d'alguma fórma os interesses da paz?

Evidentemente não! os alliados tinham desde o principio collocado a questão nos seus devidos termos: deixem-nos resolver o caso com os turcos. Foi precisamente o contrario que a Europa fez, ou deixou fazer. Porque é certo que o auctor do mal é a Austria, desesperada por vêr fugir-lhe definitivamente a influencia exercida nos Balkans. Exercera essa influencia, como é sua tradição historica em proveito exclusivo seu. Annexou pura e simplesmente a

Bosnia e a Herzegovina, faltando com total ausencia d'escrupulos á fé dos tratados. Então desapossou os turcos do que afinal lhes pertencia por um accordo internacional; agora erige-se em defensora d'elles, pretendendo crear uma nacionalidade que não existe, ella cuja politica é constantemente ao revez do interesse e da vontade das nacionalidades que a compõem. A' sua ameaça apoiada n'uma mobilisação só justificada pelo seu emprego, de intervir directamente e só, na contenda, respondeu a Europa com esse malfadado gesto colectivo, tão esteril como incorrecto. Nada ganhou nem conseguiu com isso porque apesar de todos os pezares, o Rei Nicolau entrou em Scutari.

A Europa vae agora obrigar-o a largar um trophéu conquistado á custa de tanta vida heroicamente sacrificada? Haverá mais intoleravel e mais perigoso abuso da força? Não constitue a simples ameaça d'esse facto, um inqualificavel e provocador ataque ao Direito? Porque demais a mais a população de Scutari nem sequer é albaneza. Quer dizer, a Europa, se tem empregado a sua força em obrigar a Austria a manter a neutralidade que devia, não só favorecia em muito a causa da paz, mas tinha uma singular força moral para falar aos alliados em nome de interesses que podessem collidir com os d'elles. Assim desauctorisou-se. E a solução dada hontem ao caso não parece corrigir essa situação.

Os embaixadores das grandes potencias declararam ao Rei do Montenegro que a tomada de Scutari não altera as fronteiras da Albania! Quer dizer, a Europa, que deixou massacrar *dezenas de milhares* de Armenios sem protesto algum effectivo, que durante *trinta annos* foi incapaz de coagir a Turquia a dar paz e ordem á Macedonia, vae no dia immediato a uma victoria que representa a libertação d'um povo d'uma oppressão de seculos, intimar essa nacionalidade heroica a renunciar, sem compensação alguma sequer, uma conquista que acaba de custar a vida a milhares dos seus!

E' deveras para sentir, já que a Conferencia que metten a Europa em tão perigosa aventura, se reúne em Londres, que não tomasse como lemma a conhecida phrase, dos tempos idos em que a Gran Bretanha construia o seu Imperio: «*Honesty is the best policy!*»

Paris, Abril, 1913.

Ayres d'Ornellas.

SEMANA MUNDANA

Um pouco de tudo

Vindo de Paris, onde esteve estudando a especialidade de doenças do nariz, garganta e ouvidos, chegou a esta cidade o sr. dr. José Augusto Vianna de Lemos Peixoto, medico-cirurgião pela Universidade de Coimbra.

O Dr. José Lemos Peixoto, seguiu o curso da especialidade regido pelo dr. Castex, na Faculdade de Medicina de Paris, praticando na clinica da mesma Faculdade, e foi medico assistente do Hospital de Santo Antonio, onde o dr. Lermoyez rege um curso de otorhino-laryngologia.

O distincto medico portuguez fez tambem os cursos dos drs. Lomlard e Le Mée no hospital Lainec, praticando além d'isso largamente a bronchosopia e o novo tratamento da tuberculose que está dando optimos resultados. No amphitheatre da Faculdade de Medicina praticou toda a grande cirurgia da especialidade, podendo considerar-se o dr. José Lemos Peixoto, que vem fazer clinica para o Porto, como um dos mais competentes especialistas das molestias de garganta, nariz e ouvidos.

ANNUNCIOS

Laboratorios

44, R. José Falcão, 52—TELEPHONE, 702
Porto — Portugal.

THERAPIA

Nucleo Pharmaceutico do Porto, Limitada

Empolas com liquidos injectaveis e anestesicos
Algodões, gazes, sedas, cataguts, drenos, etc., esterilizados
Leite, seus derivados (Kephyr, Babeurre, etc.)
Soros therapeuticos.

Secção d'analyses

Ferros cirurgicos
Formolia e aparelhos para sua uti-
lização
Seringas e agulhas
Esterilização de pensos, ferros e
roupas para operações.
Algodão iodado

Algodões e gazes medicinaes
Nazol
Bórcina
Polvilho antiseptico
Sabonetes medicinaes
Dentifricios, etc.

Desconfiar das imitações.

Exigir sempre origem THERAPIA.

Lemos, Lencart & C.^a

Casa Editora de Musicas

DE
EDUARDO DA FONSECA

Pianos e orgãos. — Completo sortimento de musicas, cordas e accessorios para instrumentos, importados dos melhores fabricantes italianos.

S — Praça de Carlos Alberto — PORTO

Telegr. Eduarfon — PORTO

Teleph. 246

AOS MONARCHICOS

Tenho em deposito grande variedade em papel de carta com facha azul e retrato de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II, lapis azul e branco, berloques para pulseiras, argolas para guardanapos com a linda bandeira azul e branca, botões para punhos, passe-partouts com retrato e bandeira, chatelaines, lindos distinctivos com bandeira e retrato, photographias em ponto grande com retrato de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II e do Senhor D. João de Almeida.

Grande variedade em Postaes com os ultimos retratos de Suas Magestades a Senhora D. Amelia e o Senhor D. Manuel II, Sua Alteza o Principe D. Affonso e os snrs. Azevedo Coutinho, Ayres de Ornellas, Dr. Annibal Soares, Alvaro Chagas, Paiva Couceiro, Dr. José A. G. Branco e muitos outros artigos.

PREÇO COM GRANDE DESCONTO AOS REVENDEDORES

Todos estes artigos pagam os direitos alfandegarios com ordens superiores; por essa razão não podem ser apprehendidos, pois são objectos de meu commercio.

PEDIDOS A

J. Monteiro Pereira

Rua do Loureiro, 72 — PORTO

ALBANO RAMOS PAES

3, RUA DO CORONEL PACHECO, 3

Telephone, 393

End. teleg. NOVIDADES

Tem a honra de participar ás suas Ex.^{mas} Freguezas que já recebeu a maior parte do seu sortido para verão, escolhido pessoalmente nas primeiras casas de Paris.

Enxovaes para casamento — Execução perfeitissima

Ateliers de vestidos e roupa branca

PERFUMARIA BALSEMÃO

Rua dos Retrozeiros, 141

TELEPHONE, 2:777

LISBOA

O Realista

SEMANARIO MONARCHICO PORTUGUEZ

— DO —
RIO DE JANEIRO

Principaes collaboradores:

Alvaro Pinheiro Chagas
Cons. Fernando Martins de Carvalho
D. José Paulo da Camara.

Artigos frequentes de Ayres de Ornellas,
Eduardo Lupi, Henrique de Paiva Couceiro,
Luiz de Magalhães, Satorio Pires,
etc., etc.

Assigna-se:

Em LISBOA: na agencia do semanario monarchico *O Correio*: — Largo de S. Paulo, 12.

No PORTO: na administração de *O Correio*: — Rua de Passos Manuel, 177-1.º

Em PARIS: na agencia de *O Correio*: — 6, Rue Duban.

Preço da assignatura por um anno:

3\$000 reis fortes, ou 15 francos.

A cobrança pelo correio importa em mais 100 reis fortes ou 50 centimos.

V. de Lemos Peixoto

Com o curso de oto-rhino-laryngologia da Faculdade de Medicina de Paris.
Ex-discipulo dos Drs. Castex, Lermoyez e Lombard.

Tratamento medico e cirurgia de todas as doenças do nariz, garganta e ouvidos. Aplicações electricas.

Consulta da 1.ª ás 5 na rua Formosa, 295

Na Guiné

Por Frederico Pinheiro Chagas

(2.ª edição) Brevemente á venda.

Consultorio Homœopathico

— DO —

Dr. Antonio de Carvalho

Medico da enfermaria homoeopathica do Hospital Geral da Misericordia do Porto, com pratica nos hospitaes homoeopathicos de Paris, etc.

Doenças do coração e Clinica Geral.

Rua da Bôa Hora, 7 (Residencia)
Das 12 ás 2 da tarde

Confeitaria Oliveira

— DE —

José Miguel d'Oliveira & C.^a Succ.^{es}

Importadores directos das principaes casas de Paris, Londres, Berlin, Turin, e Suissa.

Fornecedores de lanches, almoços e jantares no Porto e Provincias:

Fabrico diario de confeitaria, pastelaria, pratos de cosinha, e doce, proprios para presentes, etc.

PHARMACIA DE 1.^a CLASSE

DE

LEMOS & FILHOS

Unicos preparadores do superior medicamento

POSFIDODGLICINA

Sucedaneo vantajoso do oleo de figados de bacalhau e das suas emulsões. . . Indicado contra as escrophulas, Rachitismo, Anemia, Neurasthenia, etc. . . Este medicamento é o unico ensaiado com seguro exito em todas as casas de beneficencia do Porto e aconselhado por professores da Escola Medica, directores de hospitaes, etc., etc.

MEDALHA DE PRATA

NA

Exposição do Rio de Janeiro

1908-1909

Marca registada em todos os paizes.

SALÃO PARISIENSE

75-Galeria de Paris-77

Esta casa acaba de abrir a estação de verão com uma completa collecção de chapéus modelos comprados pessoalmente nas melhores modistas de Paris e muitos outros confeccionados n'este atelier.

Magalhães & Moniz, L.^{da} **LIVRARIA EDITORA**

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencia e lettras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações.

Correspondentes em todo o mundo.

CASA FUNDADA EM 1863

II, Largo dos Loyos, 14—PORTO

COMPANHIA DO GAZ DO PORTO

Distribuição de Coke a domicilio

Por cada 15 kilos (uma arroba) 200 reis
Por cada 600 kilos (um carro). 8\$000 reis

Posto em casa do consumidor, dentro da area da cidade do Porto.

PESO GARANTIDO

SATISFAZEM-SE PROMPTAMENTE

todos os pedidos de Coke que lhe forem feitos ou por meio do correio, ou em requisição verbal nos seus escriptorios da Praça Carlos Alberto, 71, ou na fabrica, no Ouro.

Recommendamos as excellentes e magnificas PENNAS

D. CARLOS I e D. MANOEL II

em bonitas caixas com artisticas photographias de Suas Magestades

Fabricação exclusiva dos fabricantes inglezes **D. LEONART & C.^o**

Vendem-se nas boas papelarias de Portugal.

EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

PARA A COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambri-zette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel; para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empresa

RUA DO COMMERCIO, 85—LISBOA

COMPANHIAS DE SEGUROS
La Union y el Fenix Español
de Madrid
Union Maritime de Paris
Mannheim de Manheim

Seguros sobre a vida, incendio, explosão de gaz, de machinas, raio, rendas em caso de incendio, maritimos postaes e transportes de qual-quer natureza.

LIMA MAYER & C.^a
R. da Prata, 59-1.^o — LISBOA

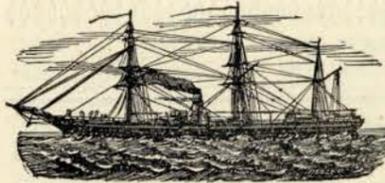
Dr. M. Forbes Costa

CIRURGIÃO DOS HOSPITAES
Antigo assistente das clinicas de Paris, Berlin, Londres e Vienna

Doenças genito-urinarias, venereas e syphiliticas

Diagnostico e tratamento da syphilis pelos processos mais modernos, especialmente pelo salvarsan (606) e neo-salvarsan.

Praça da Liberdade, 124-1.^o
DAS 9 ÀS 5 HORAS
Telephone, 143



COMPAGNIES DE NAVEGATION

SUD-ATLANTIQUE

Linha postal. Para Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.
A 6 de Maio o paquete *La Gascogne*.
A 20 de Maio o paquete *Burdigala*.

A 3 de Junho o paquete *Divona*.
Linhas commerciaes. Para Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 23 de Maio o paquete *Samara*.
Para Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 14 de Maio o paquete *Liger*.
Para Bordeus.
A 5 de Maio o paquete *Divona*.
A 14 de Maio o paquete *Samara*.

K. H. Lloyd (Mala Real Holandeza)

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres.

A 8 de Junho o paquete *Hollandia*.

A 19 de Maio o paquete *Zeelandia*.

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos

A 8 de Maio o vapor *Amstelland*, (só recebe carga)

Recebendo passageiros de todas as classes.

Para Vigo, Boulogne, Paris, Dover, Londres e Amsterdam.

A 11 de Junho o paquete *Frisia*.

A 21 de Maio o paquete *Hollandia*.—Recebendo passageiros de todas as classes.

Linha Cyp. Fabre & C.^o

Para Providence e New-York, e mais cidades dos Estados Unidos da America do Norte com escala por S. Miguel, Terceira e Fayal.

A 21 de Maio o paquete *Germania*.

Recebendo passageiros de 1.^a, 2.^a e 3.^a classes.

Para Marselha.

A 4 de Maio o paquete *Germania*.

A 17 de Maio o paquete *Roma*.

Recebendo passageiros de todas as classes.

Preço das passagens em 3.^a classe para New-York, Boston, New-Bedford, etc., quarenta e dois mil reis e para S. Francisco da California, Libras 22-0-10.

Para carga e passagens e mais esclarecimentos trata-se com

OREY ANTUNES & C.^o

NO PORTO

Largo de S. Domingos, 62-1.^o

EM LISBOA

Praça Duque da Terceira, 4.

Tel. 415

ESTOFOS, MOVEIS E TAPETES

Deposito de capachos de côco e pita

Carvalho & Figueiredo

409, Rua do Sá da Bandeira, 409

(PARTE NOVA)

Em frente ao Bolhão

PORTO